



## DE ONDE VIERAM MEUS AVÓS? PERTENCIMENTO, TERRA, GÊNERO E RAÇA<sup>1</sup>

### WHERE DID MY GRANDPARENTS COME FROM? BELONGING, LAND, GENDER AND RACE

**Rosânia do Nascimento** – PPGAS - Museu Nacional/UFRJ  
Rio de Janeiro – Brasil  
[rosaniaoliveira01@gmail.com](mailto:rosaniaoliveira01@gmail.com)

**RESUMO:** Neste ensaio, misturando passado e presente, geografia do lugar e literatura, como nos ensina a educadora afro-estadunidense bell hooks (2022), apresento reflexões geográficas a partir da história de uma família negra do Assentamento de Ouriçangas, na Bahia. Para tal proposta, tomo por escopo de análise o pertencimento, terra, gênero e raça de Água Negra, comunidade fictícia de Torto Arado, ao Assentamento de Ouriçangas-BA, tendo como ponto de partida as premissas do campo das Geo-grafias Negras (VIEIRA JUNIOR Itamar 2019; GUIMARÃES Geny, 2018; 2020). Ao final, reflito como as marcas negras rurais podem marcar as geograficidades e espacialidades e, principalmente, a minha forma de ler e sentir o mundo.

**Palavras-chave:** pertencimento; Geo-grafias Negras; Reforma Agrária; gênero e raça.

**ABSTRACT:** In this essay, mixing past and present, geography of the place and literature, as the Afro-American educator bell hooks (2022) teaches us, I present geographical reflections based on the history of a black family from the Ouriçangas Settlement, in Bahia. For this proposal, I take as the scope of analysis the belonging, land, gender and race of Água Negra, a fictional community of Torto Arado, to the settlement of Ouriçangas-BA, having as a starting point the premises of the field of Black Geo-graphies (VIEIRA JUNIOR Itamar 2019; GUIMARÃES Geny, 2018; 2020). In the end, I reflect on how rural black marks can mark geographicities and spatialities and, mainly, my way of reading and feeling the world.

**Keywords:** belonging; Black Geo-graphies; Land reform; gender and race.

---

<sup>1</sup>Esta proposta foi concebida, inicialmente, como trabalho final do componente curricular Geografias Negras, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2022. Para a feitura, foi de suma importância a comunidade pedagógica mediada pelas/os seguintes docentes: Geny Ferreira Guimarães, Rita de Cássia Martins Montezuma, Diogo Marçal Cerqueira e Daniel Pereira Rosa e, em certo grau de reflexões e acolhida, pelas/os colegas e convidados da disciplina que participaram, remotamente, durante o *Ciclo de Debates - Geografias Negras in Diáspora*.

## INTRODUÇÃO

*Foi Chica quem me fez leitora.  
Remexi-me na cadeira. Pensei que coisa linda era aquela de ter sido feito leitora por Chica.  
[...]*

*Chica era funcionária da escola do interior da Bahia. A mesma escola que não abrigava biblioteca. Como, ademais, todas as outras que a hoje mestranda da Universidade de Brasília frequentou entre a infância e adolescência. Fosse por aquela contundente ausência, a de biblioteca, corria o risco de ter passado boa parte da vida sem saber de livros. De leitura. De literatura. De escrever. De estudar. De conhecer sua história (BARBOSA Waleska<sup>2</sup>, 2019, p. 109-110).*

O excerto acima, crônica intitulada “Feito de Chica”, compõe o livro de estreia da escritora paraibana Waleska Barbosa (2019). O livro *Que nosso olhar não se acostume às ausências*<sup>3</sup> é o elo da jornada em círculos que pretendo apresentar neste ensaio, misturando passado e presente, geografia do lugar e literatura, como nos ensina a educadora afro-estadunidense bell hooks<sup>4</sup> (2022). Para tal proposta, tomo por escopo de análise o pertencimento, terra, gênero e raça de Água Negra, comunidade fictícia de *Torto Arado*, ao Assentamento de Ouriçangas, na Bahia, tendo como ponto de partida as premissas das Geo-grafias Negras (VIEIRA JUNIOR Itamar 2019; GUIMARÃES Geny, 2018; 2020).

Voltando ao elo inicial, a voz narrativa da crônica entremeia-se à história de uma jovem mulher negra que naquele momento de fala-escuta que deu origem ao referido texto literário relata como se fez leitora diante da inexistência de bibliotecas nas escolas públicas em que estudou em seu estado de origem, a Bahia. Em continuidade à cena de como a funcionária da escola, Francisca, incentivou o gosto pela leitura, ela conta que na secretaria/direção da escola de Ensino Fundamental dos Anos Finais em que estudava havia

---

<sup>2</sup>Como tem sido adotado na Academia, e para além dela, subverto, parcialmente, as regras da ABNT para verter o gênero das autorias que convido para dialogar em meu ensaio.

<sup>3</sup>As crônicas, originalmente escritas em um *blog* pessoal, foram reunidas após Waleska Barbosa receber o convite para participar da delegação de escritoras/es brasileiras/as com destino a Feira Internacional do Livro de Frankfurt, em 2019. A escritora decidiu publicar a coletânea convocando as leitoras, parceiras, família e amigas para comprar a obra, até então somente idealizada, por meio de uma pré-venda nas redes sociais.

<sup>4</sup>Falecida em 2020, Gloria Jean Watkins, mais conhecida por seu pseudônimo “bell hooks”, foi uma escritora, teórica feminista e professora afro-estadunidense. Nascida em Kentucky, Estados Unidos, ao longo de sua carreira acadêmica e literária adotou a grafia de seu nome em minúsculo em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks. Como contava bell hooks, o nome soava forte, além de tudo, reivindicava-o para se filiar à história ancestral das mulheres negras que re-existiram à segregação racial.

um punhado de livros paradidáticos que tomava emprestado e, ainda sob regras daquela mulher adulta, a pequena pegava outro livro somente após entregar e contar o que aprendeu com a leitura anterior.

Na crônica, Waleska Barbosa (2019) afirma que Chica fazia oferta à menina, o ato de provocá-la a resenhar oralmente cada livro paradidático lido, antes de tomar outro empréstimo, despertando as habilidades de apreensão dos gêneros literários, temas e linguagens. Assim, ao falar de suas leituras, desenvolvia o olhar atento para identificar e relacionar os sentidos das palavras, expressões e aprofundar o vocabulário lido e vivido. Com este ato, Chica incentivava-a com afeto a cuidar dos livros tão rarefeitos na escola, afinal, além dela, outras tantas crianças e adolescentes iriam descobrir o amor pela literatura por meio daquele acervo. Depois de concluído o Ensino Fundamental, a adolescente seguiu para outra escola pública, do nível Ensino Médio, descobriu a Biblioteca Municipal de Angical, no Território de Identidade Bacia do Rio Grande, Bahia, a voz narrativa continua a história: “perdeu Chica. Mas a semente estava dentro. Procurou biblioteca. Achou livro. Um tantinho. Guardado. Quase escondido. Já sabia como procurar. Já sabia o que queria encontrar (BARBOSA Waleska 2019, p.110).

Em seguida, a crônica apresenta o desfecho, a jovem saiu do Ensino Médio e seguiu para a universidade pública. Por algum motivo, entendemos que a oferta de Chica foi responsável por essa mudança de trajetória, afinal, “Chica apagou desfechos que há muito se pretendem imexíveis. A menina de pele escura. De cabelo crespo. Da distância de sabedorias encadernadas. Fez outro caminhar” (BARBOSA Waleska 2019, p. 111).

Dito isto, o texto literário narrado pela autora Waleska Barbosa (2019) na abertura deste artigo trata-se da minha trajetória pessoal e política, de Ouriçangas<sup>5</sup>, no Território de Identidade Bacia do Rio Grande<sup>6</sup>, no estado da Bahia, até a aprovação no Programa de Pós-

---

<sup>5</sup>O Assentamento de Ouriçangas é considerado a vila-sede deste projeto de assentamento de Reforma Agrária, distando cerca de 8 km da sede do município de Angical. Segundo o Censo Demográfico do IBGE, em 2010, Angical contava com cerca de 13.938 habitantes, sendo 46,4% destes localizados em área urbana e, respectivamente, 53,6% em área rural. Portanto, a população rural é superior à urbana.

<sup>6</sup>Territórios de Identidade são unidades de planejamento de políticas públicas implantadas no ano de 2007 pelo Governo do Estado da Bahia. A diferença em relação a outras metodologias adotadas anteriormente, é que os Territórios de Identidade partem da noção de pertencimento, natureza, cultura e territorialidades dos grupos que ocupam os respectivos territórios. A implantação ocorreu mediante consulta

graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Em 2018, nesta mesma instituição, Waleska Barbosa e eu participamos de uma oficina de escrita criativa organizada por Leila de Souza Teixeira. Foi a primeira vez que nos vimos. Ela chegou certo tempo depois, estava acomodada no sentido da porta em uma sala no Instituto Central das Ciências (ICC/UnB), na Ala Sul, e não parei de fixá-la, eram poucas as mulheres negras naquele espaço, quando a escritora se apresentou, logo a conexão bateu. Por diversas razões, mas, em especial, as pareências geográficas do teu falar nordestino, concretizado quando entoou os versos poéticos iniciais da canção "Beradêro"<sup>7</sup>, de Chico César.

Ao longo deste ensaio, pretendo alinhar as premissas das Geo-grafias Negras articulando a noção de geografia do lugar na leitura de *Torto Arado* (VIEIRA JUNIOR Itamar, 2019), portanto, a crônica abre o ensaio para situar o escopo principal, pertencimento, terra, gênero e raça. Em sua pioneira produção articulando Geografia e Literatura Negro-brasileira e Africanas, a geógrafa Geny Guimarães (2020) afirma que as premissas das Geo-grafias Negras privilegiam, em primeiro lugar, as vivências, o sentir e pensar como entidades indissociáveis na leitura que a pessoa negra faz do mundo. Sob essa perspectiva, a construção do conhecimento geográfico deve se comprometer em romper com a ausência e invisibilização das parcelas negras, quilombolas e africanas, tarefa esta que nos convida a questionar os postulados do pensamento geográfico, seus métodos e técnicas de pesquisa.

Apoiada em seus relatos-experiências, a intelectual Geny Guimarães (2018; 2020) retoma as referências ancestrais de sua família negra situada em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Interroga: “quais eram as minhas lembranças? Encerravam-se no máximo nas minhas avós, tanto materna quanto paterna (os avôs eu nunca conheci)” (GUIMARÃES Geny, 2020, p. 300). Foi inspirada nela que lancei a pergunta que intitula este ensaio: “De onde vieram meus avós?”. Assim como ensinado pela autora, essas andanças não se encerram nas propostas iniciais que lançamos aqui, elas podem mobilizar o familiar (negra,

---

popular para o Plano Plurianual Participativo de 2008-2011, ao todo, são identificados cerca de 27 Territórios de Identidades. O município de Angical, de minha pertença, compõe o Território de Identidade Bacia do Rio Grande, localizado geograficamente no Extremo Oeste Baiano, é formado por 14 municípios. Limita-se com os Territórios da Bacia do Rio Corrente, Território Velho Chico e Território Sertão do São Francisco. O referido território faz limites com os Estados do Piauí, Tocantins e Goiás.

<sup>7</sup>Beradêro é uma das faixas do álbum “Aos Vivos”, de 1995, do cantor negro paraibano Chico César.

interracial, nuclear, monoparental, homoparental), comunitário (território, bairro, cidade, assentamento) e o coletivo (população negra, territórios multiétnicos, comunidades quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais) para que as marcas negras espaciais façam sentido em nosso fazer geográfico e, principalmente, em nossas práticas educativas.

Para este ensaio ser iniciado, ele precisou fazer sentido para mim. Por onde começar? Resolvi retomar o episódio da crônica que abre o texto contando o fazer-se leitora na infância (Figura 01), pois denota como a geografia do lugar (hooks, bell 2022) atravessa as andanças pela universidade, lugares, literatura negro-brasileira ao entendimento do ser-estar no mundo enquanto uma mulher negra.

**Figura 1** - Eu, criança<sup>8</sup>, sendo batizada na Igreja Matriz Nossa Senhora Sant'Anna, Angical-BA



Foto: Acervo pessoal da minha madrinha Daleni, a quem chamo de Dindinha.

---

<sup>8</sup>Registro pessoal datado, provavelmente, na segunda metade dos anos 1990.

Que outra pessoa presente naquela oficina de escrita criativa poderia ter tecido um texto literário a partir da escuta de como uma funcionária de escola pública, a secretária Chica, fez de uma criança negra, uma leitora? Que outra escritora ali presente conseguiria manter o encadeamento da oralidade apresentada, o linguajar tão próprio daquele território da Bahia, em um texto literário? Outras tantas histórias ali contadas caberiam em um estilo literário, um romance, um conto, em uma letra de música, talvez. A grande sorte foi Waleska Barbosa ter se interessado pela história de como se faziam leitoras em escolas públicas em Angical, na Bahia, e esboçado as primeiras palavras da trajetória de outra mulher negra daquela referida oficina e, em seguida, transformá-la em texto literário e publicá-lo posteriormente.

Depois de passados cerca de quatro anos daquele encontro, defendi a dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/DAN/UnB) intitulada *“A Torrinha acordou pra luta”: a Comunidade Torrinha-BA frente ao racismo estrutural no acesso à propriedade* (NASCIMENTO Rosânia, 2022), a investigação afirma que o racismo perpetua, ainda hoje, as violências enfrentadas pela Comunidade Quilombola de Torrinha, no município da Barra, Território de Identidade Velho Chico-BA<sup>9</sup>. Incentivada pela literatura negra e algumas experiências de extensão universitária<sup>10</sup>, construí o memorial da referida dissertação contando a história da minha família assentada de Reforma Agrária alinhada a saga épica de *Torto Arado*, romance escrito pelo geógrafo e escritor baiano Itamar Vieira Junior (2019).

---

<sup>9</sup>O Território de Identidade Velho Chico está geograficamente situado no Oeste Baiano, mas engloba também porções do sudoeste do estado. É banhado pelo rio São Francisco, sendo formado pelos seguintes municípios: Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquém de São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato.

<sup>10</sup>Além de participar de oficinas de escrita criativa no Distrito Federal, criei ao lado de outras mulheres negras, Renata Canto e Hellen Rodrigues, a Oficina Escrevivências, tendo como objetivo principal articular a militância política à leitura e produção de cartas negras confeccionadas por estudantes negras/os da Assistência Estudantil da Universidade de Brasília (UnB). O projeto foi pleiteado por editais universitários do Decanato de Ações Comunitárias (DAC/DEAC/UnB) com vigência no período de 2017 a 2020. Nesse ínterim, privilegiamos nas duas primeiras edições da oficina a aproximação com as obras das escritoras negras Conceição Evaristo e Cristiane Sobral. Além da ênfase na crítica literária e fortuna crítica de autoria negra, no segundo momento, tocamos nas obras independentes de escritoras negras periféricas do Distrito Federal, incluindo as próprias participantes do referido projeto.

Aqui, portanto, pretendo aprofundar o elo ofertado por Waleska Barbosa (2019) na crônica “Feito de Chica” em direção as reflexões acerca da intersecção de pertencimento, terra, gênero e raça à luz das minhas vivências de mulher negra, pesquisadora, geógrafa e antropóloga. Disto isto, em certa medida, este ensaio dialoga com o escopo da pesquisa junto a Comunidade Quilombola de Torrinha-BA, no entanto, a dissertação defendida por si só cumpre com a proposta de mobilizar politicamente as lutas e re-existências desta comunidade quilombola. Faz-se necessário reiterar que o presente ensaio diz respeito a minha trajetória familiar anterior às andanças junto a Comunidade Quilombola de Torrinha-BA, portanto, fincada em Angical-BA, mas que se compromete, de igual modo, com as experiências de luta pela terra.

Dito isto, o ensaio divide-se em dois momentos. Na primeira parte, apresento brevemente a recepção da obra *Torto Arado* no campo da geografia brasileira, ressaltando a influência marcante na intersecção da ciência geográfica e literatura. Partindo da ideia da geografia do lugar elaborada pela educadora afro-estadunidense bell hooks (2022), tento alinhar o meu pertencimento interseccionado a terra, gênero e raça no sentir e pensar a narrativa da obra. Na sequência, parto do arcabouço das Geo-grafias Negras (GUIMARÃES Geny, 2020) a fim de articular a trajetória da minha família paterna no Assentamento de Ouriçangas, na Bahia, aproximando àquilo que me despertou a saga épica do geógrafo e escritor baiano Itamar Vieira Junior (2019).

### **Geografia do lugar: a localização geográfica, a identidade racializada e as impressões ancestrais como lentes para ler e viver o mundo**

Em um breve levantamento bibliográfico, o romance *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior (2019) começou a fundamentar os olhares geográficos acerca das nuances entre Geografia e Literatura. Diante do escopo deste ensaio, destaco o artigo de Maria Eduarda Pires Bastos (2021) dedicado a este feito à luz teórico-metodológica da Afrocentricidade. Alinho-me a importante reflexão sobre a concentração de terras no Brasil orientada pela negação e invisibilização das territorialidades negras, por isso a autora nos convoca a refletir sobre a terra sob outra perspectiva. Perpassando o viés jurídico-econômico da propriedade privada, ela enfatiza a noção de terra ligada ancestralmente à espiritualidade

e religiosidade negroindígena da comunidade de Água Negra, portanto, em profunda manifestação e inferência do panteão de orixás, caboclos e encantados cultuados no Jarê, religião da Chapada Diamantina-BA.

Antes de seguir o caminho de Água Negra para o Assentamento de Ouriçangas-BA, faz-se necessário pontuar alguns aspectos que ligam a geografia do lugar à ciência geográfica (bell hooks, 2022). Primeiramente, a recepção do romance *Torto Arado* foi interpretada por outras regiões do Brasil, em algumas parcelas urbanas do Sudeste, como obra “regionalista”, denúncia da face oculta do “Brasil Profundo”, narrativa realista dos “recônditos” e das perversidades cometidas nos “rincões remotos” do país, inscritas nos corpos e territórios do campesinato brasileiro. As aspas duplas explicitam que a distância geográfica apreendida pelo público-leitor diante da fictícia Água Negra, na Chapada Velha, tem a ver com o estranhamento e distanciamento do ponto de vista dos sujeitos sociais que se consideram o centro do Brasil.

Vencedor de inúmeros prêmios literários nacionais e internacionais, *Torto Arado* transformou-se em um fenômeno editorial, tendo sido publicado originalmente em Portugal, depois da repercussão da décima edição do Prêmio Leya (2018), do qual havia sido agraciados outros seis autores homens e apenas uma mulher (branca), a escritora e psicóloga portuguesa, Gabriela Ruivo Trindade. O primeiro ganhador da categoria romance deste prêmio foi o escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho, um homem branco africano. Entre cerca de 350 obras oriundas de 13 países diferentes, o escritor e geógrafo Itamar Vieira Junior consagrou a Bahia, sua primeira casa, e conseqüentemente o Brasil, como o país vencedor de um dos maiores prêmios literários da língua portuguesa.

Em 2019, *Torto Arado* foi publicado no Brasil e, no ano seguinte, laureado com os prêmios Jabuti e Oceanos. Autor de coletâneas de contos, *Dias* (2012), *A oração do carrasco* (2017) e *Doramar ou a odisseia* (2021), o romance de estreia destacou-se pela saga épica centralizada no protagonismo feminino de duas irmãs negras, Bibiana e Belonísia, e por revelar à luz do realismo mágico as violências e re-existências ligadas à disputa pela terra na Chapada Velha, no coração do estado da Bahia.

Feita esta breve apresentação, a repercussão pública destacou a consolidada formação e atuação profissional de Itamar Vieira Junior. Ele possui graduação e mestrado em Geografia, doutorado concluído em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é servidor público de carreira do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), tendo atuado durante quase duas décadas como analista na regularização de terras nos estados do Maranhão, Pernambuco e Bahia.

Em entrevista para Natália Souza Noro e Marta Aparecida Garcia Gonçalves (2022), Itamar Vieira Junior toma as rédeas da sua autorrepresentação, ao contrário do que circulou publicamente, o autor reitera ter iniciado a primeira fase de escrita do seu primeiro romance aos dezesseis anos, na cidade de Salvador, após ganhar uma máquina de escrever do seu pai, já falecido. O autor prossegue, entretanto, reafirmando que a experiência profissional no Incra junto às comunidades quilombolas, famílias assentadas e demais povos e territórios tradicionais, incluindo a diversidade de agricultoras/es, pescadoras/es e lideranças políticas, foi decisiva para arrebatado o amor que suas personagens sentem pela terra.

Antes mesmo de realizar a leitura de *Torto Arado*, a forma como o autor, homem negroindígena<sup>11</sup> baiano, passou a ser destacado diante das lentes do Sudeste passou a me intrigar a ponto de discutir esse incômodo em grupos de estudo, nas redes sociais e em oficinas de escrita criativa. Em certa medida, a ideia daquele Brasil Profundo ser até então desconhecido para a maior parte do público-leitor do premiado romance me assustava. Para alguns, a aproximação que comecei a manter com a obra dizia respeito às linhas de pesquisa às quais me associei na geografia e antropologia, diretamente fincadas nas territorialidades negras distantes dos grandes centros urbanos.

---

<sup>11</sup>A expressão negroindígena parte da minha predileção para evitar a hifenização em relação a esses dois grupos étnico-raciais, tão veiculada quando se trata da afirmação da ancestralidade da população negra. Em se tratando dos povos indígenas, a autoafirmação é coletiva e reconhecida perante o grupo, se é indígena porque pertence a um povo, podendo estar situado em territórios, terras indígenas ou nos contextos urbanos. Devo acrescentar que a autodefinição do autor também foi respeitada, em entrevista já citada, ele diz que “Eu tenho ascendência negra e indígena e durante muito tempo na família se falava ‘sua bisavó foi pega no mato. Era índia’, mas não passava daquilo. Era uma história apagada, ninguém sabia. A parte que tem ascendência africana na minha família, ninguém sabia de onde veio.” (SOUZA NORO, Natália; GARCIA GONÇALVES, Marta Aparecida, 2022, p. 549).

Dentre as aspas duplas utilizadas anteriormente, “rincões” e “recônditos remotos” provocavam-me vertigem, explico. Cumprindo a jornada em círculos, bell hooks (2022) disserta sobre os significados de migrar para longe de casa, a primeira constatação da autora é que ela precisava recuperar o poder da localização geográfica, das impressões ancestrais e da identidade racializada da comunidade negra rural do Kentucky para se apresentar na universidade, trabalho e círculos de novas amizades. Diante da imagem desses habitantes cristalizada no filme *A família buscapé*, ela percebia a reprodução de estereótipos ligados à vida rural sulista e do meio-oeste ou, muitas vezes, a imagem do Kentucky reduzida a pessoas brancas rurais.

Em se tratando de *Água Negra*, de *Torto Arado*, por exemplo, a alcunha “sertão” é acionada para abordar as ruralidades e territorialidades negras em disputa pela terra. À medida que afastamos da baianidade nagô de Salvador, o imaginário dos “sertões” passa a ser sinônimo de localização geográfica, por isso as complexidades históricas, ambientais, ecológicas, culturais, raciais e religiosas das Bahias adentro são transformadas em um bloco monolítico chamado por outro sinônimo, interior da Bahia. Em primeiro lugar, a divisão interior e capital diz respeito às divisões político-administrativas reguladas por políticas territoriais adotadas no Brasil à luz da colonização, elas foram transformadas no decorrer do tempo, haja vista o presente planejamento territorial do estado da Bahia levar em consideração a adoção da metodologia dos territórios de identidade.

Essa experiência de migrar para longe de casa para nós, pessoas baianas do chamado interior, pode ser ilustrada da seguinte forma. Em geral, a nossa apresentação costuma ser marcada por uma ideia pré-concebida que as pessoas baianas, em geral, são bem-humoradas, receptivas e vêm de uma terra mágica, fala-se bastante do sotaque, da hospitalidade, das festas afroreligiosas e sincréticas, da comida baiana, das simbólicas e históricas mulheres da Cidade da Bahia - como Salvador figura na literatura e em documentos históricos, por exemplo -, da anedota que para cada dia do ano, existe uma igreja em Salvador, da presença demográfica expressivamente negra. Em outros casos, é preciso estar em alerta para combater a estereotipação sexual e racial, afinal, se se é um homem baiano, a preguiça pode surgir como pilhéria; se se é uma mulher baiana, imagina-

se uma personagem feminina saída de algum romance de Jorge Amado ou das telas de Carybé<sup>12</sup>.

No entanto, quando se diz que a sua localização geográfica está a cerca de mil quilômetros de distância da capital, Salvador, como é o meu caso no Extremo Oeste Baiano, o meneio da cabeça e o silêncio que se impõem como decepção leva a conversa para outros sentidos, ela pode se encerrar ali. É preciso repetir o nome do município Angical, de minha pertença, pelo menos umas três vezes durante a interlocução, e como as pessoas não têm ideia da geografia do lugar, elas buscam a conexão entre dois universos, o primeiro, acionam a região como reduto do agronegócio, lamentando que eu venha de um lugar de maioria branca<sup>13</sup> “gaúcha” (termo genérico usado na região para se referir aos migrantes sulistas).

O segundo, mesclam e confundem a nossa cultura e história, perguntando-me se o tal município de Angical, no Extremo Oeste Baiano, é perto de Irecê, Xique-Xique ou Juazeiro. À margem direita do Velho Chico, Irecê e Xique-Xique situam-se no Território de Identidade Irecê. No extremo norte do estado da Bahia, Juazeiro compõe o Território de Identidade Sertão do São Francisco. Portanto, Angical, Irecê, Xique-Xique e Juazeiro situam-se em três territórios de identidade distintos, ainda que mantenham parencas históricas, ecológicas, ambientais, sociais e culturais.

Ao deparar com a obra intitulada *Pertencimento: uma cultura do lugar*, da educadora afro-estadunidense bell hooks (2022, p. 22-23) entendi que não se tratava exclusivamente da distância geográfica e social entre o público-leitor de Itamar Vieira Junior e a Chapada Velha ficcionalizada em sua obra-prima. Isto sim, havia um “ethos sustentável” que atravessa a saga épica e leitoras como eu, histórica e familiarmente ligadas à terra, envolvendo essas angústias que para muitos “de longe” perfazem a

---

<sup>12</sup>Como a discussão de baianidade nagô extrapola a discussão deste ensaio, em relação a reconstrução da baianidade na cultura popular e, por consequência, inscrita em canções brasileiras no século XX. C.f. MARIANO, Agnes. A invenção da baianidade: segundo as letras de canções. 2. ed. Salvador-BA: EDUFBA, 2019.

<sup>13</sup>Segundo o Censo Demográfico de 2010, a população angicalense é formada por 13.938 habitantes, sendo 9,454 autodeclarados negros (pretos e pardos), lembrando que o IBGE adota o critério de autoatribuição para se referir aos quesitos cor/raça da população brasileira.

"personalidade arredia" em relação a como passamos a ser lidas quando saímos dos nossos lugares de origens rumo a capitais como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

Voltando ao uso de aspas duplas, considero salutar discutir o que se entende por Brasil Profundo. Para Maria Eduarda Pires Bastos (2021, p. 748) na "ótica dos grandes centros urbanos, a ideia de Brasil Profundo chega até as pessoas de forma truncada, carregada de estereótipos e juízos de valor mal interpretados". Em diálogo com a obra *México Profundo*, do antropólogo Guillermo Bonfil Batalla (2019), aprendemos que é preciso arrancar a máscara do México moderno para fazer visível o rosto negado dos povos originários. Assim, ao entender que a civilização mesoamericana é uma civilização negada, afirma-se que é imprescindível reconhecer a presença indígena na contemporaneidade. Desses grupos, no Brasil, faz-se necessário a centralidade na história, ancestralidade e cultura negra e quilombola, reunidos em diversos povos, comunidades e territórios tradicionais.

Outro fato que convém destacar quando usamos a noção do Brasil Profundo é que, historicamente, existe uma relação ancestral e profunda com outros entes da natureza, incluindo a terra, os corpos celestiais, oníricos e os seres não-humanos na assunção da diversidade dos nichos ecológicos em que se desenvolvem as culturas alimentares, as religiões, os ritos em memória aos antepassados, o culto às deidades, divindades, santos, oráculos, mortos e das festas em comemoração à vida e morte, em síntese, os modos de vida. Portanto, a abordagem de Brasil Profundo pelo distanciamento geográfico é marca indelével do contato histórico com os colonizadores que nos fizeram crer em diferenciações regionais, contrastes climáticos, ambientais, culturais e sociais calcados na presunçosa hierarquia e superioridade colonial.

Outro sentido aprendido com o antropólogo mexicano Guillermo Bonfil Batalla (2019, p. 58) é que a negação vem acompanhada do errôneo pensamento do desaparecimento dos grupos étnico-raciais, ou seja, a cultura material mesoamericana é valorizada pelos achados arqueológicos, porém, o discurso que estrutura a cultura nacional apoia-se na dizimação em massa (genocídios, etnocídios) dos povos originários, aqui, incluímos os grupos africanos. O autor insiste que pensemos que em cada paisagem do

Alasca a Patagônia se encontra o rastro do trabalho humano, o transitar de grupos milenares, nos velhos sítios abandonados, no passado, se fizeram cidades, civilizações, verdadeiros celeiros anteriores à invasão europeia. Além disso, os topônimos nas línguas indígenas e africanas, ainda hoje, insistem em nos dizer: “Aqui, toda a geografia tem nome”.

De certa forma, a conexão com as geografias dos lugares apresentada em *Torto Arado* se dá por meio das semelhanças entre os falares, os topônimos ligados aos nichos ecológicos e, até mesmo, a identificação da estética das residências e casas de Jarê. Em uma cena, em especial, Zeca Chapéu Grande, cumprindo os ritos litúrgicos de sua religião, recebe o adê e a espada de lansã das mãos de dona Tonha. Dentro dessa casa dos santos, havia imagens feitas de gesso e madeira, o panteão contava com São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida e o Bom Jesus da Lapa. Este último remete-se às liturgias da minha avó Tudinha, a senhora Gertrudes Araújo do Nascimento.

Essa passagem literária pode ser ressoada nas lembranças que bell hooks (2022, p. 67) mantém de sua avó, carinhosamente chamada de Baba, e do seu avô Jerry, conforme abaixo.

Quando temos amor pela terra, cultivamos uma forma de amor-próprio mais completa. Acredito nisso. Os ancestrais me ensinaram que é assim. Quando criança, eu adorava brincar no barro, naquela terra fértil do Kentucky, a fonte de vida. Antes de entender qualquer coisa sobre a dor e a exploração resultantes do sistema sulista de parceria rural, eu já entendia que negros adultos amavam a terra. Eu ficava em pé ao lado do meu avô Jerry e olhava as plantações de legumes, tomate, milho, couve, e sabia que aquilo era obra das suas mãos. Eu notava o orgulho no rosto dele por eu ficar maravilhada e admirada com a magia de ver tudo aquilo florescendo.

Isto posto, a Chapada Velha, onde estava situada a fictícia comunidade de Água Negra, aproxima-se da geografia do lugar vivida no Assentamento de Ouriçangas. Pelas semelhanças geográficas, ela está contígua ao Território de Identidade Bacia do Rio Grande-BA. Sem contar que em cada casa de devota/o do Bom Jesus da Lapa e de outros santos, as imagens e entidades (como o Preto Velho) estão acompanhadas por quadros de família

(fotos em tamanho 3x4 ampliadas dos avós, em geral), pintados e adornados com flores de papel e outros materiais artificiais, quase sempre rotos.

### **De Água Negra ao Assentamento de Ouriçangas: pertencimento, terra, raça e gênero.**

*O povo camponês, organizado, saberá reconquistar aquilo que de direito lhe pertence: a terra<sup>14</sup>.*

No *Dicionário de Agroecologia e Educação*, Geraldo Gasparin, Rosmeri Witcel e Marina dos Santos (2021, p.24) investem esforços na construção dos verbetes acampamentos e assentamentos, situando-os “na gênese da retomada da luta pela terra e do surgimento do Movimento dos (as) Trabalhadores (as) Rurais Sem Terra (MST)”. Em cada arranjo espacial, a organização da ocupação de terras improdutivas se dá nas tarefas centralizadas na saúde, cultura, alimentação, educação, comissões (finanças, comunicação, formação política) e equipes (juventudes, mulheres, crianças) articuladas entre os membros, a coordenadoria, pressupondo a participação efetiva e horizontal de todas as famílias, e outras entidades.

O acampamento é o lugar do encontro dos despossuídos da terra: trabalhadores rurais, atingidos por barragens, bóias-frias, arrendatários, meeiros, pequenos proprietários, parceiros, desempregados. Enfim, famílias que estavam desprovidas do seu direito de produzir alimentos. Trabalhadores expulsos por um projeto de agricultura capitaneado pela ditadura civil-militar (1964-1984), que prometia a “modernização” do campo quando, na verdade, estimulou a concentração de terra, o uso massivo de agrotóxicos, a mecanização, baseados em fartos créditos rurais (exclusivos ao latifúndio) (GASPARIN, Geraldo; WITCEL, Rosmeri; SANTOS, Marina, 2021, p. 24).

Combatendo a clássica tipificação que os assentamentos resultam na institucionalização da terra realizada pelo Estado, a cargo dos ritos técnicos do Incra, faz-se necessário pontuar que “os assentamentos são os resultados dos processos de lutas dos acampamentos, das ocupações de terras, das jornadas de lutas, das mobilizações que geram pressões políticas para que se ‘atenda’ a pauta dos sem-terra” (GASPARIN, Geraldo; WITCEL, Rosmeri; SANTOS, Marina, 2021, p. 27).

---

<sup>14</sup>Sem autor. Reforma Agrária baiana começa em Angical. **O Posseiro**. Santa Maria da vitória-BA. Ano VII. Nº 62. Set. 1986).

Assim, em pesquisa nos documentos antigos da região encontrei a edição de 1986 do jornal *O Posseiro*, veiculado na cidade de Santa Maria da Vitória-BA e cercanias. Nele, dois pontos específicos da época merecem destaque: a concentração da terra na região estava diretamente relacionada ao poder político e ideológico exercido pelos ditos donos da Fazenda Sertaneja Agropastoril, pois o latifúndio era de propriedade do ex-governador da Bahia, Antonio Balbino, e de Eduardo Catalão. O segundo é que durante muito tempo ouvi da minha família e outras famílias assentadas que a negociação havia sido pacífica. Entretanto, o jornal denuncia o contrário, as investidas violentas foram perpetradas por pistoleiros e grileiros a mando dos ex-proprietários e outros interessados nas terras, como segue abaixo na reportagem intitulada “Reforma Agrária baiana começa em Angical”.

O dia 14 de julho tornou-se um dia histórico para os trabalhadores rurais baianos, com a implantação da Reforma Agrária sendo efetuada em Angical (20 km de Barreiras<sup>15</sup>), onde foram desapropriados 54 mil dos 89 hectares da Fazenda Sertaneja, de propriedade do ex-governador Antonio Balbino. A primeira etapa do projeto, denominada “Angical I”, prevê o assentamento de 400 famílias distribuídas. [...] Nesta hora em que mesmo timidamente as coisas começam a mudar no campo brasileiro, não devemos nos esquecer que, logo após Sarney ter decretado a Fazenda Sertaneja, o deputado Ney Ferreira - genro de Antonio Balbino - famoso pela sua trajetória política de covardia, traição e violência, buscou contratar nada menos que 60 (sessenta) pistoleiros que teriam tentado impedir que os lavradores se instalassem na área desapropriada (Sem autor. Reforma Agrária baiana começa em Angical. *O Posseiro*). Santa Maria da vitória-BA. Ano VII. Nº 62. Set. 1986).

Na sequência, o jornal afirma que a experiência denominada de "Angical I" foi a primeira etapa do Plano Nacional de Reforma Agrária da Bahia<sup>16</sup>, na Nova República. Faz-se necessário reiterar que, apesar de ter reunido diversas personalidades políticas e autoridades estaduais e religiosas no dia 14 de julho de 1986, os assentamentos de Ouriçangas, Itacolomi, Gameleira, por exemplo, são decorrentes da revolta social e das investidas políticas diante do derramamento de sangue de lideranças religiosas e

---

<sup>15</sup>Na realidade, Angical dista cerca de 45 km do município de Barreiras.

<sup>16</sup>Por Decreto Federal nº 92.279/1986, assinado pelo então presidente da república, José Sarney. E o Ato de Criação do projeto pelo Incra, então parte do Ministério do Desenvolvimento Agrário, se deu através da Portaria INCRA/P nº 406 de 26 de junho de 1966, conforme afirma a educadora Sandra Araújo (2005). Atualmente existem famílias assentadas em Riachinho, Arcada, Junco, Papagaio, Santa Luzia, Eixão de Missão, Junco 2, Cágados, Terra Nova, Cupins, Benfica, Casa de Farinha de Cágados, Barreiro do Pajeú. Os domínios morfoclimáticos, em geral, são o cerrado e a caatinga.

camponesas da região, como o assassinato do Padre Jósimo, dos posseiros de Maraú (BA) e de Josael, do município da Barra.

Em suma, no referido jornal, diz-se algo muito profundo sobre o significado da desapropriação dessas terras, “com a Reforma Agrária de Angical na Fazenda Sertaneja, quebrou-se a espinha dorsal do latifúndio na região, como afirma certamente Wilson Martins Furtado da FETAG-BA”, como se faz perceber na história da família Nascimento (ver Figura 02) (Sem autor. Reforma Agrária baiana começa em Angical. O Posseiro). Santa Maria da vitória-BA. Ano VII. Nº 62. Set. 1986).

**Figura 2 - A Família Nascimento<sup>17</sup>**



Fonte: Colagem artística concebida pela autora (2021).

Diante da conjuntura política e social apresentada, destaco outros dois aspectos da obra *Torto Arado* que permitem entender melhor a interconexão de pertencimento, terra,

<sup>17</sup>Da esquerda para a direita, Tia Daleni (Dindinha) seguida da minha prima (criança), Joelma, e Tio Lourival (Louro). No centro, meus avós, Gertrudes e Joviniano. À esquerda, em primeiro plano, Painho (Zé Pezão). Em segundo plano, tia Edinéia e Tio Manoel Messias, o primogênito. Esta foto tem mais de trinta anos, pois eu ainda não era nascida. No retrato da família faltam o tio Braúna, à época ele trabalhava em um garimpo no estado do Mato Grosso, tio Adriano (Di) e tia Ana estavam ausentes neste registro, neste lapso, sei que tia Ana já morava em Brasília-DF. A colagem artística é de minha autoria.

gênero e raça. Dividida em três partes intituladas “Fio de Corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue”, a narração é compartilhada entre Bibiana, Belonísia e a entidade do Jarê, Santa Rita Pescadeira. O Brasil Profundo evocado é marcado pela pluralidade das vozes de mulheres negras e uma entidade feminina do panteão negroindígena do Jarê, todavia, por muito tempo foram alvos do silenciamento imposto pela colonização à servidão contemporânea.

Desde a Independência da Bahia, revoltas populares e rebeliões negras, houve intensa participação das mulheres, sejam africanas, negras, indígenas, quilombolas, religiosas, pescadoras, marisqueiras, quituteiras, agricultoras, entretanto, as narrativas históricas ganharam corpo tardiamente nos estudos acadêmicos. Assim, Grada Kilomba (2019, p. 27) vai nos dizer que a longa história do silenciamento imposto pela colonização portuguesa é “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes”.

Na obra de Itamar Vieira Junior, os sentidos de recuperar a escrita podem relacionar-se com a “fome coletiva de ganhar a voz, escrever e recuperar nossa *história escondida*” (KILOMBA Grada, 2019, p. 28). Assim, evocar Donana, Tonha, Salustiana Nicolau, Belonísia e Bibiana é tarefa nossa, misturada ao passado e presente das famílias negras e quilombolas, como proponho aqui, que se faz cumprir como quem reza ladainhas e faz prece ao Bom Jesus da Lapa, valendo-se da repetição incessante e da fé para que elas se tornem visíveis na sociedade brasileira.

O segundo aspecto é o mistério, ele atravessa o início até o desfecho final da saga, tendo relação com a espiritualidade dos encantados, caboclos e orixás do Jarê, relatado no episódio de loucura e, mais tarde, a convivência com as onças vivenciada pelo filho de Donana, Zeca Chapéu Grande, até a sua consagração como cavalo de lansã. Em outras passagens, pode ser citado o desaparecimento de Carmelita, filha da matriarca da saga épica, pois o mistério e o silêncio podem ser velhos andarilhos traçando o caminho da violência impingida por fazendeiros da Chapada Velha. Portanto, há muitas camadas em cada fala truncada, interditos, em cada palavra desconexa dita baixinha pelas personagens

femininas e em cada prece rogada aos santos que sai inaudível para os ouvidos das crianças. Com a referida obra, aprendemos que silencia-se para pactuar os segredos de família, união e a irmandade, como fazem Belonísia e Bibiana após uma delas cortar a língua com o punhal guardado no baú de Donana.

Em contrapartida, as personagens negras são silenciadas pela violência do campo, ora se é silenciado/a após o rio de sangue jorrar por algum ato criminoso operado por jagunços da região a mando dos fazendeiros. Embora nem todo silêncio dure para sempre, ele pode preceder algum rito de passagem, afinal, o silêncio se irrompe quando as histórias dos antepassados e das pessoas mais velhas da família/comunidade são reveladas, em determinado episódio, por Salustiana que conta histórias às suas filhas durante a lida diária da *barreção*<sup>18</sup> do terreiro. A voz pequena, Belonísia e Bibiana colheram da mãe, a esbelta Salu Nicolau, que Donana foi considerada uma feiticeira na Fazenda Caxangá, antes dela e a família chegarem nas terras de Água Negra. E o mais importante do romance, romper o silêncio coletivamente é iniciar a luta política pela terra.

Nesta toada, a geografia do lugar acionada pela leitura de *Torto Arado* permite refletir sobre o esquecimento e seletividade da memória a partir da migração das mulheres da minha família, tia Ana Araújo do Nascimento e Daleni Araújo do Nascimento (Dindinha ou Dona Keu), para capitais do Centro-Oeste (Goiânia e Brasília) no mesmo lapso que meus tios paternos Manoel Messias, Lourival, Adriano e Durval (Braúna) e painho, José (Zé Pezão) saíram da condição de vaqueiros/agricultores/agregados da Fazenda Sertaneja Agropastoril para assentados da Reforma Agrária de Angical-BA, entre o final da década de 1980 ao início da formalização das terras realizada pelo Incra nos anos 1990.

Na medida em que crescia, dirigia aos meus tios mais velhos as seguintes perguntas: por que elas, as mulheres da família, não herdaram a terra? Por que não receberam sequer um quinhão dos donos da Fazenda Sertaneja Agropastoril? Ou não foram regularizadas pelo Incra como mulheres assentadas? Por que às mulheres da minha família não coube a

---

<sup>18</sup>Quis trazer aqui o vocabulário que aprendi com a geografia do meu lugar. Aprendemos na escola que “barrer” é incorreto, sendo adotada a grafia “varrer o quintal”. No entanto, em casa, se fala “barrer o terreiro”, esta última palavra soa polifônica e profunda, podendo remeter, de igual forma, ao espaço sagrado das religiões de matriz africana.

posse da terra? As respostas fugidias eram encerradas por palavras curtas e truncadas, muitas vezes, cobertas pela autoridade masculina, afinal, a decisão de ir embora de Ouriçangas havia partido individualmente destas irmãs que queriam se ‘aventurar’ na cidade grande em virtude da procura de cônjuges ou do abandono da imagem de ‘mulher da roça’, diziam.

O mote do livro escrito por Itamar Vieira Junior (2019) circunda o segredo de família de Donana entremeadado à luta pela permanência na terra seguida a fio por gerações de mulheres e homens de Água Negra. O território reivindicado contraria os donos da terra, ditos herdeiros dos latifundiários que se desfizeram da terra esfacelando o seu sentido simbólico, ancestral e cultural pela imposição de valor de troca. A metáfora do baú e dos segredos guardados por Donana oferece a mim a licença poética de imaginar como se desenrolou o processo de esquecimento das famílias negras, como a minha, que foram condicionadas a se perceberem guardiãs do documento da terra expedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), ou seja, a conquistá-lo de maneira acordada. Ainda hoje, estes documentos costumam permanecer guardados na cidade sob os cuidados de uma tia paterna, a senhora Edinélia Araújo do Nascimento.

Assim como Belonísia e Bibiana, os meus parentes não souberam dizer quando os nossos antepassados chegaram em Ouriçangas, ao que consegui reunir junto à minha família, esse núcleo rural servia como acampamento para os vaqueiros/agricultores e suas famílias tornadas agregadas da Fazenda Sertaneja Agropastoril. Raramente os meus tios e demais familiares revelam algum episódio envolvendo os fazendeiros do passado, costumam lembrar de alguns encarregados (como Sutério, o gerente da fazenda da família Peixoto, que só colhia os frutos de Água Negra), por vezes, minimizando as relações paternalistas e clientelistas mantidas com as famílias negras dali. Assim, descobri essas e outras histórias somente após entrar no curso de Geografia, na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

Na região, atendendo a ideologia do progresso dos sertões, esses fazendeiros se autointitulam como empresários agroindustriais, termo baseado no *status* atribuído à esta elite regional que mantinha a sede da empresa, como estes definiam as fazendas de gado

*vacum*, em Barreiras, município vizinho a Angical. É importante afirmar que exerceram, por quase um século, papel hegemônico na política, economia e vida social da região e no estado da Bahia. Como apregoado anteriormente, o latifúndio improdutivo Fazenda Sertaneja Agropastoril pertenceu ao ex-governador Antônio Balbino. O plantel de gado estendia-se por todo o vale são franciscano e seus afluentes, multiplicando poder e influência durante as ditaduras de 1937 e de 1964.

Os fios esparsos das famílias negras são marcados pela realidade violenta do racismo, da experiência do indizível (KILOMBA, Grada, 2019), responsável por ocultar documentos que fazem referência direta às narrativas ancestrais e personagens negroindígenas. A partir dessas primeiras histórias de família negra, acredito que o impacto da gênese e estrutura da propriedade fundiária contribuiu enormemente para o esquecimento e, em algum sentido, as dores e os temores de, talvez, perder a terra oficializada pelo Incra foram segregados a sete chaves por algumas mais velhas e mais velhos da minha família.

Diante disso, compreendo que ao indagar a minha família paterna sobre nossos avós e bisavós não alcancei a profundidade tão necessária para a construção da nossa memória e ancestralidade. Consultando tia Nega (Eunice Paixão do Nascimento) e tia Neném (Edinéia Araújo do Nascimento), chegamos aos nomes dos meus bisavós paternos, respectivamente, Adriano Rodrigues do Nascimento e Gertrudes Alves de Almeida, os pais do meu avô Joviniano Rodrigues do Nascimento, nascido em 1915. Augusto Barbosa de Araújo e Ana Evangelista de Andrade são os pais de Gertrudes Araújo do Nascimento, nascida em 1930, esta sabemos menos ainda. Ao revirar os guardados familiares em minha casa, na Bahia, os documentos confirmaram que os ofícios registrados nas certidões de óbito foram de lavrador, vaqueiro e aposentada rural.

As certidões de nascimentos, casamentos e de óbitos da família dos Nascimento - sobrenome a que me refiro sempre orgulhosa, afinal, associo a personalidades negras como Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento e Milton Nascimento -, contribuem para tecer as marcas negras nas geografidades e espacialidades rurais do Território de

Identidade Bacia do Rio Grande-BA, que, de especial maneira, tentei alinhar a narrativa de luta pela terra do romance *Torto Arado*.

Desse modo, é importante ampliar o que ouvi de uma tia mais velha, indaguei sobre o silêncio prescrito em relação às mulheres da nossa família, ela acrescentou: “Não sei, Janinha<sup>19</sup>. Nesse tempo velho a mulher quando se casava perdia o nome da família da mãe dela” (Tia Nega, em comunicação cotidianamente familiar). Essa afirmação expressa a complexidade dos caminhos percorridos pelas nossas ancestrais e antepassados até o Assentamento de Ouriçangas-BA, pois viveram quase por um século sob o jugo da enxada, maridos, pais, irmãos e das ordens dos donos da antiga Fazenda Sertaneja Agropastoril.

### **Considerações finais**

Como se percebeu no decorrer deste ensaio, busquei percorrer a história de uma família negra de agregados/as da Fazenda Sertaneja Agropastoril que, em 1986, tornou-se assentada da Reforma Agrária de Angical, no Território de Identidade Bacia do Rio Grande, na Bahia. Essa família é a minha, a qual pertencço por consanguinidade e ancestralidade, e a qual aprendi a construir o repertório da geografia do lugar que me permite ler e ser/viver no mundo. Como nos ensina a educadora bell hooks (2022, p. 22), “ao caminhar, consigo demarcar minha presença, como alguém que reivindica a terra, criando uma sensação de pertencimento, uma cultura de lugar”.

Dessa forma, o intento deste ensaio parte do âmago das minhas vivências de mulher negra que saiu do seu lugar de origem para estudar longe de casa, primeiramente, cursar Geografia em outro município do território de identidade, Barreiras, e posteriormente Ciências Sociais (com habilitação em Antropologia) em outra unidade da federação, o Distrito Federal. Atualmente, estou cursando o doutorado em Antropologia Social no Museu Nacional (MN/UFRJ), no estado do Rio de Janeiro, Sudeste.

Este ensaio, em alguma medida, buscou responder à necessidade de contribuir sobre as questões de lugar e pertencimento, terra, raça e gênero à luz das Geografias Negras (GUIMARÃES Geny, 2020), afirmando “desde dentro” a importância dos conceitos

---

<sup>19</sup>Como sou carinhosamente chamada por meus tios e tias mais velhas.

e tipos de Reforma Agrária no Brasil. Entendo este ensaio como abertura geográfica e literária para repensarmos quais são os segredos e dádivas guardados nos baús de nossas avós? Bibiana e Belonísia descobriram, pelo gosto amargo e ensanguentado, o poder afiado de um punhal, mas que foi entremeado ao simbólico ato de romper o silenciamento imposto contra as famílias quilombolas de Água Negra. Aqui, entremeando as Geo-Grafias Negras (GUIMARÃES Geny, 2020), descobri no velho baú de Dona Tudinha, minha saudosa avó, mulher negra rural, que a cada caminho que eu trilhar para longe de casa, persistirá a certeza que não estarei só.

*Ei, Povoada é um-um nome curioso né?  
Porque a gente sempre fala de Povoada  
Em relação à Terra né?  
A Terra é povoada  
Mas, também sou terra  
A gente também é terra de povoar  
Deus te ajuda  
Deus te ajude e te livre do mal  
Te desejo tudo de bom, viu fia'? (Povoada!)  
Eu sou uma, mas não sou só, minha fia'<sup>20</sup>*

## Referências

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães. Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da Escola Família Agrícola de Angical - Bahia. Departamento de Educação - *Campus I* - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (**Mestrado em Educação**). Salvador-BA: Universidade Estadual da Bahia (Uneb), 2005.

BARBOSA, Waleska. **Que o nosso olhar não se acostume às ausências**. Brasília-DF, [s.n.] 2019.

BASTOS, Maria Eduarda. Enquanto a terra não for livre, eu também não sou: o Jarê da Chapada Diamantina (ba) como resgate da memória em Torto Arado. In: **Terra Livre**. São Paulo-SP. Ano 36, Vol 1, nº 57. Jul-Dez, 2021, pp. 741-758. [s.d.]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/2288> Acesso em 15 de janeiro de 2023.

BATALLA, Guillermo Bonfil. **México profundo: uma civilização negada**. Tradução de Rebecca Lemos Igreja. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

GASPARIN, Geraldo; WITCEL, Rosmeri; SANTOS, Marina. Acampamentos e Assentamentos. In: DIAS, Alexandre *et alli* (Org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**.

---

<sup>20</sup>Lançada pela produtora Mungunzá Records, em 2021, Povoada é uma faixa do álbum *Travessia*, da cantora Sued Nunes, mulher negra do Recôncavo Baiano.

São Paulo-SP: Expressão Popular; Rio de Janeiro-RJ: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 23-29.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. A Geografia desde dentro nas relações étnico-raciais. *In*: NUNES, Marcone Denys dos Reis; SANTOS, Ivaneide Silva dos; MAIA, Humberto Cordeiro Araújo (Orgs.). **Geografia e Ensino**: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente. Salvador: EDUNEB, 2018, p. 67-94.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. Ed. Especial, p. 292-311, abr. 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/866>. Acesso em: 20 dez. 2022.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. Tradução de Renata Balbino. São Paulo-SP: Elefante, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro-RJ: Cobogó, 2019.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade**: segundo as letras de canções. 2. ed. Salvador-BA: EDUFBA, 2019.

NASCIMENTO, Rosânia Oliveira do. “A Torrinha acordou pra luta”: a comunidade quilombola Torrinha-BA frente ao racismo estrutural no acesso à propriedade. 2022. 149 f., il. Dissertação (**Mestrado em Antropologia Social**) — Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, 2022.

SOUZA NORO, Natália; GONÇALVES, Maria Aparecida. Uma história de amor pela terra: o fenômeno literário de Torto Arado – Entrevista com Itamar Vieira Junior. *In*: **Via Atlântica**, São Paulo-SP, n. 41, pp. 530-559, jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/188769/183643> Acesso dia 15 de Janeiro de 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo-SP: Todavia, 2019.

Sem autor. Reforma Agrária baiana começa em Angical. **O Posseiro**. Santa Maria da vitória-BA. Ano VII. Nº 62. Set. 1986.

---

**Zane do Nascimento** - Mulher negra baiana. Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional (MN/UFRJ). Mestra em Antropologia Social pela UnB (PPGAS/ICS/UnB). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Bacharela Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharelado em Ciências Sociais em andamento pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA/UnB). Hostess do podcast Opará.

---

Recebido para publicação em 10 de fevereiro de 2023.

Aceito para publicação em 15 de fevereiro de 2023.

Publicado em 05 de março de 2023.